

# Imagens do poder e poder das imagens no Mundo Romano: uma entrevista com Renata Senna Garraffoni

*Images of power and power of images in the Roman World:  
an interview with Renata Senna Garraffoni*

**Renata Senna Garraffoni\***

**R**enata Senna Garraffoni é professora associada do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná desde 2004. Sua formação acadêmica é na subárea de História Antiga, com mestrado e doutorado pela Unicamp, atuando principalmente nos seguintes temas: Antiguidade Clássica, epigrafia e literatura latinas, grupos marginalizados romanos e releituras do mundo greco-romano na Modernidade (séc. XIX e XX). É líder do grupo de pesquisa “Encruzilhadas de narrativas: discursos biográficos, História e Literatura” (UFPR) e vice-líder do grupo “Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado” (Unifesp), ambos cadastrados no CNPq. É pesquisadora colaboradora do Centro para el Estudio de la Interdependencia Provincial en la Antigüedad Clásica (Universidade de Barcelona) e do Centro de Pensamento Antigo (CPA), da Unicamp. Atualmente, é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR.

*1. Ludimila Caliman Campos: Nas últimas décadas, por conta dos novos horizontes teóricos abertos pelos estudos pós-coloniais, testemunhamos uma amplificação dos corpora para o estudo da História, incluindo as fontes imagéticas. Nesse contexto, de que forma a documentação iconográfica pode auxiliar o pesquisador em suas análises acerca da Antiguidade?*

**Renata Senna Garraffoni:** As imagens são fontes para o estudo da Antiguidade desde o estabelecimento dos métodos da Arqueologia e História da Arte ainda no século XIX. Há ramos específicos que se constituíram nesse período como, por exemplo, a Numismática, o estudo dos vasos gregos, dos mosaicos, da pintura parietal de Pompeia. No entanto, nem

---

\* Entrevista concedida a Ludimila Caliman Campos em 5 de maio de 2021.

sempre o estudo da materialidade esteve presente entre os historiadores da Antiguidade e, quando isso aconteceu, muitas vezes as evidências arqueológicas foram consideradas fontes “auxiliares” ou de ilustração da documentação escrita, dos textos canônicos. Eu acredito que o que mudou com os estudos pós-coloniais foi a forma de abordagem. Isso significa que hoje as imagens podem ser lidas em seus próprios contextos, algumas vezes podem mesmo completar a lacuna de alguma informação da documentação escrita, mas também confrontá-las. Esse último aspecto sempre me chamou a atenção, quando texto e imagem se contradizem. Antes era comum descartar a imagem quando isso ocorria, prevalecendo o que o texto afirmava. Hoje abrem-se novos campos de reflexão, o que torna a relação com a Antiguidade mais complexa. Ano passado foi publicado, na revista *Classica*, um trabalho que fiz com o professor José Geraldo Grillo, da Unifesp, sobre o mosaico de Alexandre, o Grande, em Pompeia, e creio que é um bom exemplo disso que comento. Cruzamos a perspectiva pós-colonial e os debates sobre recepção e fizemos uma série de contrapontos com o que foi estudado no século XIX. Esse exercício permitiu perceber como um único mosaico, pensado a partir de perspectivas diferentes, traz tantas informações sobre cultura e sociedade em diferentes momentos históricos. É por isso que acho tão desafiador trabalhar imagens e seus contextos e, também, as percepções que temos dos antigos gregos e romanos. Esse tipo de metodologia expande a forma como entendemos o passado e o presente.

*2. A imagem, na condição de iconografia, é uma representação da realidade pautada pelo seu caráter convencional e reconhecida pelas informações que oferece. Para decifrá-la, é preciso, pois, captar seu significado, ou seja, traduzi-la em palavras. Em sua opinião, quais são os principais desafios e peculiaridades quando trabalhamos com imagens produzidas na Antiguidade?*

**R:** Independentemente da perspectiva teórica que for empregada, creio que o principal desafio é conhecer sua diversidade e as formas de inspiração de uma em outra, ou seja, como pintores se referiam às imagens que conheciam e as recriavam na superfície, seja ela uma ânfora ou na parede, por exemplo. A Antiguidade nos deixou muitas imagens, mas poucas informações como eram produzidas, sem contar que os lugares que se encontravam são distintos dos nossos, então, para quem está interessado em estabelecer um diálogo entre passado e presente, é importante ir montando, ao longo dos estudos, uma espécie de biblioteca de imagens para perceber como se articulam. Conhecer catálogos e visitar exposições (presencialmente e/ou via os museus na internet) são operações fundamentais para tomar contato com a diversidade das imagens, suas formas,

suas técnicas e conseguir, aos poucos, perceber os pontos de diálogo e diferenças entre elas com o propósito de sustentar uma boa análise.

*3. Os estudos que buscam associar as imagens ao poder acabam realizando um cruzamento entre áreas como a Ciência Política, a História e a Arte. De que forma os estudos interdisciplinares podem contribuir para o aprofundamento das pesquisas sobre a Civilização Romana?*

**R:** Como fui orientada pelo professor Pedro Paulo Funari desde a graduação e fiz meu doutorado sanduíche com o professor José Remesal, em Barcelona, eu não consigo olhar a Antiguidade romana sem a interdisciplinaridade. Essa formação que tive me levou a buscar o que conflita, ou seja, gosto de comparar texto e cultura material, ver o que cada um pode nos dizer e explorar o que ambos trazem de diferente. Foi o que fiz na tese sobre os gladiadores: sabia que os textos traziam uma série de informações sobre os gladiadores, mas as pinturas de Pompeia, os grafites e a arte tumular me permitiram acessar aspectos da vida cotidiana que não eram comuns a historiografia apresentar. Então, sou apaixonada pela interdisciplinaridade, porque entendo que ela permite expandir o que conhecemos sobre aquela sociedade, expressando, em especial, seus conflitos e contradições. Hoje em dia tenho me interessado muito pelos estudos de recepção, porque, tendo experiência sobre diferentes formas de entender a sociedade romana no seu tempo, passei a me interessar pelos significados disso nos diferentes tempos. Então, a interdisciplinaridade dos estudos no passado romano e suas contradições me levaram a pensar nas releituras possíveis em outros tempos, expandindo as formas de diálogo, ou seja, hoje em dia me interessa não só como as diferentes disciplinas se articulam para produzir conhecimento sobre o período romano, mas também como as diferentes temporalidades de quem lê interferem nisso. E quais tradições de pensamento cada uma recupera.

*4. De acordo com Jacques Rancière, em sua obra 'O espectador emancipado' (2012), a política é estética e a estética é política, uma vez que ambas têm a capacidade de subverter as convenções sociais dominantes por meio da produção de cenas nas quais prevalecem o dissenso e os valores antinormativos. Como a senhora tem constatado essa subversão no contexto da sociedade romana?*

**R:** Essa pergunta é interessante e de difícil resposta. Eu diria que seja pela minha formação acadêmica na Unicamp e em Barcelona, como pelas minhas raízes familiares, já que venho de uma criação em que o debate político sempre foi muito presente,

bem como a contestação de todas as formas de autoritarismo, então, a subversão ou a transgressão do que é imposto como verdade e as práticas de violência sempre foram temas sensíveis em minha vida. E o que fiz foi afinar essas reflexões ao longo do tempo. Quando cheguei na Unicamp, em 1993, na disciplina de História Antiga do professor Pedro Paulo, eu li o *Satyricon* pela primeira vez e fiquei encantada. Talvez porque paralelamente fazia uma disciplina com o professor Marcos Nobre sobre Filosofia da História e lemos Walter Benjamin e Baudelaire. Foi um primeiro semestre impactante, afinal foram disciplinas que nos mostravam como questionar, teoricamente, o passado e como construir outras leituras sobre o passado. Para quem achava que iria conhecer toda a história do mundo, foi sem dúvida uma descoberta impressionante. Sem contar que tinha dezoito anos e tinha acabado de me mudar sozinha para outra cidade. Então, isso tudo junto me levou a fazer uma iniciação científica sobre transgressão social, o que originou minha monografia e todo o resto. Portanto, romanos que não seguiram as normas ou que estiveram à margem sempre foram o que gostei de examinar. Acontece que a historiografia romana é predominantemente normativa, então, quando lia sobre as lutas de gladiadores ou qualquer tipo de transgressão, esbarrava com interpretações sobre a ordem. Os gladiadores ou as mulheres eram exceções que faziam o sistema funcionar, por exemplo. E eu queria saber quem eram os gladiadores afinal. Como eram ditos infames e não deixaram textos, tive de recorrer à cultura material para estabelecer um contraponto. Em um primeiro momento, do ponto de vista teórico, tive de lançar mão da Nova História Social, pois lá havia metodologia para estudar o que estava nas margens. Mas, aos poucos, conhecendo melhor o pensamento de Michel Foucault, vi que seguir pela História Social ficava cada vez mais difícil, pois, em geral, a investigação acabava em interpretações que se opunham, mas não davam conta da multiplicidade que eu estava encontrando nas fontes. Comecei a achar que fazia mais sentido pensar em termos da diferença. A proposta de Foucault me ensinou que é possível pensar a margem como diferença, isso é uma posição discursiva interessante para questionar a norma. Assim, aos poucos me desloquei para esse ponto: pensar a diversidade na Antiguidade, analisar o passado como diferença e não como continuidade. Não foi algo que ocorreu do dia para noite. Fui mudando aos poucos. Minha tese é mais social, tem elementos pós-coloniais. Mas agora, na segunda edição, que deve sair ainda em 2021 pela Editora da UFPR, além de expandir as análises dos grafites, fiz um prefácio novo explicando o que mudei, e foi exatamente isso, deixar mais claro a subversão, tanto no passado como no discurso que produzimos sobre o passado. O que os filósofos da diferença me desafiaram foi olhar as camadas temporais, as estruturas do pensamento ocidental e como, ao tratar o passado como diferença e não como herança, aumenta a nossa capacidade de subverter, pois não

aceitamos de maneira tão passiva o que nos é apresentado. Foi muito bom ter voltado ao livro e ter refeito esses passos. Isso me deu mais clareza sobre os desafios de pensar a subversão no passado e no presente. Logo poderão conferir e me dizer se funcionou!

*5. No seu artigo intitulado "Memória, poder e religiosidade nas arenas romanas no início do Principado", a senhora aborda os combates de gladiadores à época na interface entre memória, poder e vida cotidiana, destacando uma mudança de sentido entre o fim da República e o início do Império quanto aos combates dos gladiadores. A senhora acredita que a exploração da cultura material foi determinante para que historiadores e arqueólogos compreendessem melhor essa mudança?*

**R:** Sim. É interessante pensar que, dos anos de 1950 ao final de 1970, a historiografia se pautou muito em denunciar a violência das lutas de gladiadores. Isso não ocorria no século XIX, por exemplo. Alguns estudiosos afirmavam, inclusive, que onde havia arena havia civilização, então, não se discutia violência. O que mudou? Na tese, eu argumento que foi o repúdio dos historiadores e arqueólogos às atrocidades da Segunda Guerra. Como lidar com a arena romana depois da experiência dos campos de concentração? Ou com a matança de animais quando surge o ambientalismo? É compreensível, então, que surjam muitos discursos de denúncia da violência. Mas a década de 1960, além do predomínio desse tipo de leitura de denúncia, também tem um desenvolvimento da Arqueologia e o desenvolvimento de teorias nas quais a cultura material tem mais protagonismo. Assim, a década de 1980, por exemplo, muda o foco: a denúncia da violência por si só não é mais suficiente, as fontes materiais, com registros que muitos gladiadores sobreviviam e lutavam várias vezes, indicam que essa perspectiva de "banho de sangue" talvez não fosse tão precisa assim, devendo então sofrer um ajuste. A Antropologia é importante por promover reflexões da violência no contexto. As análises de Clavel-Levequè, por exemplo, são bem importantes, pois deslocam a discussão da violência para percepções de vida e morte no contexto público, e Barton, mais adiante, na década de 1990, traz a questão psicanalítica. Então, entendo que as novas formas de olhar a cultura material e a mudança de perspectiva sobre a violência geram as novas abordagens. Esse tema é bem complexo, mas me interessa muito para pensar dentro dessa perspectiva de alteridade que comentava: mais do que afirmar quem é mais ou menos violento, reconhecer a violência no passado, as suas formas de elaboração, faz com que pensemos sobre as formas de violência em nosso presente. Reconhecer as formas de violência e dominação em nosso presente é o primeiro passo para se combatê-las. Então, a alteridade dos jogos de gladiadores nos faz refletir sobre o valor da vida, sobre a morte e as relações com

o público, as situações de vida à margem. Isso traz outra dimensão de análise quando voltamos às arenas do período imperial romano.

*6. Ainda com relação ao artigo anterior, a senhora analisa monumentos funerários encontrados em Pompeia contendo referências aos combates de gladiadores. Essas referências nos permitem supor que os combates saíam do contexto das arenas, mas os elementos de memória e celebração fúnebre permaneciam. É possível concluir também que a representação dessas imagens reforçava o poder das elites locais, marcando a distinção social no contexto da cidade?*

**R:** No caso dos monumentos funerários acredito que sim, pois eram feitos para celebrar a memória do falecido, em geral um membro da elite que pagava pelos jogos. Por isso, gosto de cruzar as informações com as lápides simples dos gladiadores. Estas, por exemplo, eram feitas por mulheres ou amigos próximos. Então, os monumentos dos membros da elite carregam seus valores e marcam sua distinção social, ao passo que as lápides dos gladiadores podem conter as narrativas das mulheres.

*7. Sabemos que os imperadores romanos utilizavam as imagens com fins de propaganda política e controle discursivo. Dito isto, gostaríamos que a senhora tratasse, ainda que brevemente, do uso das imagens a serviço da política imperial romana.*

**R:** No Brasil, a obra de Paul Zanker, *The power of images in the Age of Augustus*, publicada em 1988, teve um grande impacto, razão pela qual há muitos estudos sobre as moedas, por exemplo, em especial os trabalhos orientados por Claudio Umpierre Carlan. De fato, as moedas são fontes inestimáveis para pensar como se davam os discursos sobre poder e imagem. Mas há um outro aspecto que é menos estudado e que acho que vale a pena mencionar: as esculturas. Os bustos são fontes muito interessantes e nos dizem muito sobre o poder e sobre as tradições com as quais os próprios antigos se alinhavam. Eu mesmo conheço pouco desse tema, mas isso me chamou muito a atenção quando fiz a pesquisa com o Grillo, que comentei há pouco. Acho que é mais um campo bem interessante de pesquisa ainda por se desenvolver mais no Brasil.

*8. Quando discutimos as imagens do poder no Mundo Romano, é impossível não fazer referência aos usos políticos do repertório iconográfico imperial por diversos governantes ao longo da História, a exemplo de Benito Mussolini. Como a senhora avalia essa recepção/manipulação do repertório imagético da Antiguidade pelos pósteros?*

**R:** Esse tema eu tenho me interessado mais recentemente, mas, como já comentei, eu gosto de andar pela contramão. Então, embora se saiba que muitos líderes fizeram uso da herança da Antiguidade como forma de exercício de poder em diferentes contextos históricos, também sabemos que há usos no campo da resistência. Me interessa perceber porque Simone Wiel, por exemplo, achava que os operários tinham que conhecer a tragédia grega e militava por isso nas portas das fábricas, porque Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht criaram um movimento chamado espartaquista ou porque Federico Fellini equipara os *hippies* aos romanos em seu *Satyricon*, filme de 1969. Olhando dessa perspectiva, eu acho que os estudiosos se preocupam em conhecer a recepção ou os usos do passado mais pelo exercício do poder do que pela resistência. Então, acho que é um campo muito interessante a ser explorado e, também, melhor conhecido.

*9. Atualmente, vivemos em um mundo no qual há uma verdadeira "massificação" da cultura da imagem. A invenção das mídias visuais analógicas e digitais – ainda em meados do século XIX, com a invenção da fotografia, posteriormente com o cinema e a televisão e, mais recentemente, com o computador e o smartphone – vem influenciando decisivamente na forma como a sociedade contemporânea tem lidado com as imagens. Apesar da decalagem temporal, é possível fazer uma analogia entre a Antiguidade e a Contemporaneidade no que concerne ao emprego das imagens pelos distintos grupos sociais?*

**R:** Essa é uma questão interessante. Recentemente, eu vi um debate com o professor Martin Winkler a respeito do seu novo livro sobre Ovídio e o cinema, em que ele comentou que não havia cinema na época de Ovídio, mas é impossível para a gente ler Ovídio sem pensar na profusão de imagens que ele nos proporciona devido à nossa experiência cinemática. Acho que isso demonstra a importância dos estudos da recepção, pois é preciso ter clareza dessa diferença. É preciso, também, ajustar nossas percepções e pensar como estamos dispostos a fazer esse diálogo entre o presente e o passado. Então, acompanhando o raciocínio de Martin Winkler, o ato de se valorizar as imagens e de perceber os seus impactos em nossa forma de aproximação com o Mundo Antigo já é um resultado da cultura visual que vivemos, pois, como comentei, no século XIX se valorizava mais o texto. Então, para tentar responder ao que você pergunta, eu diria que é imprescindível hoje pensar em como fazer tais aproximações, tanto do ponto de vista teórico como metodológico. Isso porque, com a experiência que tive com a professora Raquel Funari, quando estive na UFPR fazendo seu pós-doc, é evidente que as imagens e o cinema são fundamentais para despertar o interesse das

crianças pelo Mundo Antigo, portanto, pensar em como fazer esses diálogos pode abrir campos tanto para a pesquisa sobre o Mundo Antigo em novas perspectivas, como para propor novas metodologias de ensino.

*10. Hoje, torna-se cada vez mais fácil reproduzir e adulterar uma imagem. Seja com fins econômicos, políticos e/ou estéticos, a adulteração recorrente das imagens é uma marca da nossa "modernidade líquida", empregando um conceito formulado por Bauman. Na Antiguidade romana, há indícios de que essa prática também era comum?*

**R:** Partir do conhecido para criar o novo é uma prática que se encontra em várias sociedades e culturas, mas os métodos variam. Os estudos de recepção contribuem para entendermos melhor quais os caminhos que os antigos percorreram. Lorena Hardwick, em seu livro *Reception Studies*, lista 15 palavras que o estudioso deve dominar, como por exemplo, tradução, autenticidade, correspondência, diálogo, refiguração. Cada uma delas é um conceito específico que pode indicar o processo que está sendo usado na captação da imagem ou do texto e sua transformação. Portanto, para entender o processo há um duplo movimento: conhecer o objeto em si e o contexto em que é transformado. Por isso, comentava que é importante conhecer a fundo as imagens que a pessoa escolhe estudar e o contexto em que foram criadas para entender a que se reportam. É um trabalho bastante instigante, pois quem o faz precisa estar atento ao contexto que estuda e às múltiplas temporalidades que emergem do objeto. Uma imagem pode contar muitas histórias, como o caso que comentei sobre o mosaico de Alexandre.